

REVISTA DA FACUL-
DADE DE DIREITO
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA



ANO IV

1947

REVISTA DA FACULDADE
DIREITO DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

COMISSÃO DE REDACÇÃO

PAULO CUNHA—LUIZ PINTO COELHO
—INOCÊNCIO GALVÃO TELES

ÍNDICE

DOCTRINA

<i>Penetración del Derecho Castellano en la Legislación Indiana</i> , pelo Prof. Rafael Altamira	7
<i>O Problema das Sociedades Irregulares</i> , pelo Prof. José Gabriel Pinto Coelho	100
<i>Coisas «in Patrimonio» e «extra Patrimonium» e Coisas «in Commercio» e «extra Commercio» nas «Instituições» de Gaio e nas de Justiniano</i> , pelo Prof. Raul Ventura	153

LIÇÕES

<i>El Problema Metodologico en el Derecho Civil</i> , pelo Prof. Gregorio Ortega Pardo	165
--	-----

JURISPRUDÊNCIA COMENTADA

<i>Ação de Arbitramento e Preferência do Inquilino Comercial — Acórdão do Supremo Tribunal de Justiça, de 29 de Abril de 1947. Comentário</i> pelo Prof. Inocêncio Galvão Teles	197
---	-----

BIBLIOGRAFIA

<i>Betti (Emilio) — Teoria Generale del Negozio Giuridico, in Trattato di Diritto Civile Italiano</i> , dirigido por Vassalli. — G. T.	223
<i>Casso Romero (Ignacio de) — Derecho Hipotecario o del Registro de la Propiedad</i> . — G. T.	225
<i>Ortega Pardo (Gregorio) — Naturaleza Juridica del Llamado «Legado en lugar de la Legitima»</i> — G. T.	228
<i>Liebman (Furico Tulio) — Processo de Execução</i> — G. T.	233
<i>Ascarelli (Tuli) — Problema das Sociedades Anónimas e Direito Comparado</i> — G. T.	235
<i>Del Rosal (Juan) — Crimen e Criminal en la Novela Policiaca</i> . — S. C. ...	237

DIVERSOS

<i>Regulamento do prémio de «Direito Público» (Doação Gulbenkian)</i>	241
<i>Prémios «Rocha Saraiva» e «Levy Maria Jordão»</i>	242
<i>Dissertações de licenciatura apresentadas na Faculdade de Direito de Lisboa no ano lectivo de 1945-1946</i>	245
<i>Distribuição de regências na Faculdade de Direito de Lisboa no ano lectivo de 1946-1947</i>	249
<i>Número de alunos inscritos na Faculdade de Direito de Lisboa no ano lectivo de 1946-1947</i>	251
<i>Biblioteca da Faculdade de Direito de Lisboa</i>	252
<i>«Travaux de L'Association Henri Capitant pour la Culture Juridique Française»</i>	252
<i>Congresso Nacional de Direito Civil em Eespanha</i>	253

TRABALHOS DE ALUNOS

<i>Da Solidariedade nas Obrigações</i> , por Manuel Duarte Gomes da Silva ...	257
---	-----

NECROLOGIA

<i>Doutor Manuel Rodrigues</i> , pelo Prof. Ruy Ulrich	351
<i>Doutor Rocha Saraiva</i> , pelo Assist. Taborda Ferreira	354

DOUTOR ROCHA SARAIVA

Há poucos meses desapareceu o Doutor Alberto da Cunha Rocha Saraiva. Um profundo luto encheu os que, nas últimas gerações, procuraram estudar a jurisprudência; um profundo luto encheu todos os homens de boa vontade que tiveram a dita de o conhecer. E, ainda mais, não só os homens estão de luto, mas também a escola e a nossa própria terra.

Não que Rocha Saraiva tivesse levantado grande obra no campo de ciência ou de política. Mas porque Rocha Saraiva era um homem quase completo, cheio de humanidade, cheio de portuguesismo. À escola não deu construções de vulto, mas dedicou-se-lhe com carinho e educou através de toda a sua vida, do seu exemplo e da sua palavra. À Pátria não logrou oferecer as grandes linhas das reformas indispensáveis, mas deu-se-lhe todo, quer servindo-a, com sacrifício das suas tendências e aspirações, nos postos de comando; quer renunciando, com sacrifício de vantagens materiais, a toda a colaboração com um regime a que a sua consciência não aderira.

Rocha Saraiva, nascido em Trancoso, era um homem de meia altura, de tês tismada, testa alta e poderosa, sorriso condescendente e bom, olhos vagos, melancólicos, mas profundamente inteligentes. Simples de maneiras e de trato, emanava dele, no entanto, um não sei quê que impunha respeito e amor. Andava vagarosamente, compassadamente, sempre distraído e absorto em pensamentos distantes...

Foi escritor e foi político, e como escritor e como político a sua inteligência portentosa, que funcionava rigorosamente, impecavelmente, como verdadeiro maquinismo, conseguiu descobrir os problemas e estabelecer linhas e direcções de vida e de conduta.

Lembro-me eu, que tive a felicidade de ser seu discípulo, que delicioso prazer era seguir o desenvolver do seu pensamento, penetrante, lúcido, equilibrado, mas sempre dubitativo.

Os pensamentos e raciocínios, desenvolvia-os Rocha Saraiva modestamente, como que a medo; e a forma que usava — límpida e cristalina, calma e descansada — não tinha geralmente a paixão e o fogo que concedem às palavras aquilo a que vulgarmente se chama brilho. É que Rocha Saraiva tinha medo de poder, de qualquer maneira, desviar o curso duma consciência, a orientação de uma inteligência. Por vezes, porém, no ardor da discussão, nos actos grandes, por exemplo, as ideias penetravam-no e aquele homem calmo e ponderado agigantava-se contra vontade, e as suas palavras eram brilhantes e ardentes, dum poder de convicção verdadeiramente excepcional. E, quando lhe referíamos como tinha sido brilhante, como que se desculpava e de novo recomeçava a desenvolver a sua ideia, mas agora já todo reticente, todo dubitativo. Rocha Saraiva tinha medo do seu poder de convicção. Rocha Saraiva receava o seu próprio prestígio, tinha medo que este, de qualquer modo, pudesse forçar os homens a desviarem-se do seu eu, a despirem-se da sua verdadeira personalidade.

Mas, se Rocha Saraiva era assim, sempre dubitativo, não o era por ser um céptico, mas porque tinha arreigada em si a profunda convicção de que tudo é relativo, contingente, limitado. Rocha Saraiva tinha a crença, verdadeiramente vivida, da contigência das coisas. Ora, quem tem a felicidade de possuir esta crença tem em si poder imenso, tem em si valiosa condição de humanidade, tem meios de compreender e sentir os outros homens, é capaz da bondade e da condescendência.

Decerto, estas qualidades não fazem um grande político, um dominador, um chefe; mas ser um chefe é afinal desen-

volver parcelarmente a vida, é desenvolver e levar ao máximo certa faceta do humano; não é ser homem verdadeiro, completo, integral... e isto vale muito mais. O chefe crê em certas coisas absolutamente, é capaz de domínio, de apostolado, mas faz desaparecer em si o humano... destroi-se. O que pensa «relativamente» não domina, não sai de si, não actua sobre os outros homens, mas conquista-se... e isto vale muito mais.

Talvez as qualidades que embeleciam Rocha Saraiva não podessem torná-lo um grande cientista. O cientista, se tem de crer na relatividade e contingência das coisas, tem de ter fé, tem de acreditar no poder do homem e no seu próprio poder. Rocha Saraiva não acreditava no poder do humano e no seu próprio poder em relação a estas ciências do espírito que nos absorvem e consomem a vida. A sua inteligência, poderosa e dominadora na dialética, não lhe deu a vã convicção de tudo poder penetrar e compreender.

Apesar disto, porém, não se desinteressou Rocha Saraiva da ciência e, até ao fim, sempre orientado por um estrito sentido de positividade, observou como espectador atento e sensível o desenrolar dos factos. E nem as coisas misteriosas do começo e do fim o deixavam indiferente: apenas o não ocupavam, pois as tinha por impenetráveis. Lembro-me bem, ultimamente, influenciado pela escola de Viena e pela logística, dizia muitas vezes: o direito nada mais pode ser do que uma lógica, uma lógica que desenvolve, por uma série de juízos tautológicos, os preceitos legais de modo a poder deles extrair tudo o que contêm e que não logram revelar. Como a matemática, a partir de uma observação insignificante, é capaz de deduzir as leis da mecânica celeste, a ciência do direito é capaz

de, de simples preceitos legais, extrair as linhas mestras dos grandes sistemas jurídicos.

Rocha Saraiva talvez não tenha feito grandes coisas visíveis, mas deu muito, deu sem medida; e, assim, deixou uma grande coisa invisível, subtil, intocável, mas enorme: — deixou em cada discípulo um pouco de si. Deu tudo quanto possuía; e, assim, formou homens, ajudou a construir as ideias fundamentais de uma geração, pobre e desgraçada, mas que sabe serem relativas as coisas e que, por isso, sabe compreender ou, pelo menos, procura compreender.

A doença foi-lhe consumindo o corpo frágil, mas aqueles olhos sonhadores não traduziram nunca o desespero e a revolta; unicamente, cada vez se tornavam mais distantes, mais sonhadores: é que a saudade de toda a vida, que ia deixar, o desligava antecipadamente do presente. E, talvez, também o desgosto de não poder agora de novo lutar — faltava-lhe a força física — pela única certeza que tinha, e cada vez mais profunda — a crença no relativo — se lhe pudesse ler nos olhos vagos e sonhadores...

TABORDA FERREIRA